Clínica do passe I

Passe sob transferência - "Rainha do Conga"

Rainer Melo

Há muitas coisas que se pode privilegiar na experiência do passante, assim como há muitos pontos que podem ser escolhidos para se fazer o relato desta experiência. Escolhi apresentar o meu "passe sob transferência", como atualmente preferimos chamar, o que antes era chamado de "passe de entrada" na EBP, no entanto não para me referir ao passe de entrada e nem ao passe de final de análise, mas dentro da perspectiva da experiência do passante com relação ao sujeito suposto saber.

Todo analisante em sua análise fala das histórias de sua família. E à medida que os anos passam na análise, verifica-se que se vão esgotando os romances familiares porque na relação com o analisante entra outro personagem, o analista, que de alguma forma entrou para sua família.

A analisante vem de experiência de vinte anos de análise que se deu com seis analistas. Parece-me que em uma história que envolve uma analisante com seis analistas, as histórias familiares vão se repetindo, esgotando. No passe falei um pouco de meus romances familiares, mas privilegiei falar da minha relação com o SsS e dos efeitos produzidos, ou seja, das interpretações e de seus efeitos.

O fim de uma análise é o fim de um amor, necessariamente este enunciado implica em concluir que o começo de uma análise é o começo de um amor de uma analisante com um analista. Então, queria tratar disto, do amor de uma analisante com um analista, de um amor ao saber. A analisante vai colocar o analista na transferência no lugar do Outro, que é o Ouro do endereçamento, o Outro do amor.

A relação com a família produz o sintoma neurótico e a relação com o analista o dissolve. É como reportar a um filme cuja história remete aos romances familiares, tendo por título:

"Rainha do Conga".

Uma criança nasce e a avó paterna se apossa dela. A criança passa a viver numa casa onde permanece uma divisão, uma parte da avó com a criança e a outra da mãe, irmãos, empregadas e a Bá. Esta personagem, que foi babá do pai, tios e dos irmãos, mas não sendo da criança, e de quem esta não podia aproximar-se por proibição da avó, pois lhe era recomendado que ela "pega preto". Certa vez, a criança lhe disse quando Bá quis pegá-la ao colo: "Não, Bá, não pode pegar-me, nem se aproximar, porque você vai pegar-me preto". Nunca mais Bá se aproximou da criança, dizia que ela era orgulhosa como sua avó. Isto lhe trazia muito sofrimento.

Certo dia a criança queria ficar com a mãe, os irmãos e os avós maternos. Estavam todos conversando alegremente, na outra parte da casa. A avó a impediu dizendo: "Não vá lá porque a família da Rainha do Conga está toda aí. Você vai pegar preto". A criança, com pena desta avó por ela ser rejeitada e odiada por todos, ficou com ela, mas uma angústia grande se apoderou dela. Ela cedeu de seu desejo. O enunciado que não foi falado, o indizível, pois ela queria ficar com a Rainha do Conga e toda a sua família. Não foi o outro, mas ela que não pode enunciar o seu desejo. A causa da neurose foi ceder de seu desejo.

Quando a avó se referia à sua mãe, a criança escutava assim: "Rainha do Conga". Fazia enigma. Soava estranho. Não entendia. Ela dizia que sua mãe era Rainha das "negraiadas". Dizia: " Não vá lá porque desceu do morro a 'negraida'. Estão todos com a Rainha do Conga. Se você for vai pegar preto". Por quê? A criança não via nenhum preto, negro, eram todos brancos, bonitos. Sua mãe era linda, clara, cabelos pretos e tinha um belo sorriso. Como poderia ser tudo aquilo que sua avó lhe atribuía? E por que não podia aproximar-se dela? Que mal poderia fazer-lhe? Era a Rainha do Conga que não a queria? Odiava-a como a sua avó?

Um dia sua mãe lhe disse: "Você se parece muito com a sua avó, tem o jeito dela. Fica difícil olhar para você sem me lembrar dela. Não posso nem me lembrar de que ela existiu".

A criança estava sempre entre as duas mães: a avó e a mãe. Entre os dois desejos e os dois gozos: a mãe e a avó. A avó, aquela que a colocava como objeto de seu desejo. As duas sempre lhe diziam: "Você não deve ficar com ela". A mãe que nunca a olhava, desviava o olhar para fora. O pai trazia um traço agalmático no seu olhar, um desejo que apontava para o lado de fora, olhar triste, distante, cheio de lágrimas. Ele estava sempre distante, ausente. O pai, o ausente, o que estava sempre fora, "aquele que vinha 'de fora', cujo nome era causa de respeito e admiração" por todos. O desejo de sua mãe: "que ela fosse como seu pai, tivesse um nome que causasse respeito e admiração".

A avó morreu quando a criança tinha nove anos, e do lugar privilegiado passou a ficar sem lugar naquela casa. Sua mãe tirou-a do quarto, deixou-a sem lugar naquela casa. O quarto foi ocupado por seus dois irmãos. O pai sempre ausente por causa do trabalho, mas mesmo quando vinha em casa ficava de fora, deixava que as coisas acontecessem, inclusive não tomava conhecimento de que, na sua ausência, a criança era colocada para fora de casa pelo irmão mais velho a pontapés. Ela ficava assustada na varanda à noite, com medo e chorando: "Onde estava minha mãe?" – perguntava-se. O seu olhar era vazio, apontava para o seu lugar: "o seu lugar é lá fora". A mãe ignorava este fato, ou fazia de conta que nada via, nunca se aproximou para abrir a porta e dizer o que a criança sempre esperou: "Entre! Você já pode entrar".

Seu pai não respondeu do lugar que precisava, na função paterna, dando-lhe um lugar naquela casa. Para ele foi mais fácil arrumar um "excelente Colégio Interno" para a "filha querida". Mais uma vez ficou de fora, lá fora com o seguinte dizer do pai: ' Arrumei um Colégio interno excelente, de congregação francesa para moças educadas e finas. Você vai gostar muito". Sua mãe: "Você deve procurar ser como seu pai, ter um nome causa de respeito e admiração. E o Colégio vai ser bom para isto. Você vai ver'".

O retorno em análise do significante de alíngua

Tudo aconteceu por causa da "Rainha do Conga". A partir daí, todas as escolhas dos seus objetos de amor, causa de desejo e forma particular de gozo durante sua vida, foram feitas a partir desse significante, que retorna em análise e que era

falado, mas sempre sem sentido. "Sempre entre dois, aquele de que tem pena e aquele que deseja", sem saber qual escolha fazer e quando conseguia era por aquele de quem tinha pena.

Na conferência de Genebra Lacan diz que o significante de *alíngua* é uma palavra ouvida errado, um equívoco. Lacan disse que um analisante fala de sua família porque foram seus parentes próximos que lhe ensinaram alíngua. O significante de alíngua, ou seja, o assemântico nos termos de Freud, seria o recalcado originário. Já para Lacan, um S1 assemântico é uma espécie suposto último e como real sem nenhuma espécie de sentido.

Sobre os analistas

Uma análise tem como finalidade esvaziar esta dimensão dramática da vida e é por isto que gostaria de deter-me, ou seja, privilegiar a relação que se passou com o personagem do analista que tem como função retificar justamente esses romances. A relação com o analista é distinta da relação com a mãe, com o pai, com a família. A relação com o analista retifica a relação com a família.

A primeira análise se deu aos 14 anos no Colégio interno de uma congregação francesa. Uma Irmã era analista e tinha uma sala para atendimento às internas. Esta Irmã (freira) era também professora de francês e de psicologia e falava muito em Freud. O Início se deu por causa de pesadelos que a analisante tinha e incomodava todo o dormitório, e também porque, apesar de tratar-se de uma aluna muito aplicada e estudiosa, ela era muito inibida e quase não participava das brincadeiras durante as recreações. Esta análise durou três anos. Nessa época a analisante era procurada pelos colegas, que marcavam hora para lhe fazer confidências. A agenda ficava cheia. Após muitos anos, ao encontrar com uma colega dos tempos de internato na sua cidade, esta lhe falou de sua profissão e dirigindo-se à analisante, disse: "Nem precisa falar da sua. Já até sei, deve ser psicóloga ou psicanalista. Lembra do colégio? Eu também era agendada para falar com você nos intervalos e recreios. Só podia dar isto".

A segunda análise foi indicada por um padre. A analisante estava com 20 anos. O motivo era porque sempre sofria muito para fazer escolhas, sempre dividida entre dois. A analisante escrevia os sonhos e a analista interpretava junto. A saída se deu de uma forma difícil. Houve uma discussão. Durou dois anos. Neste intervalo houve tentativas com dois profissionais, mas não foram adiante. Duraram pouco.

Terceira análise. A escolha foi por ele ser parecido com Freud e porque uma grande amiga fazia análise com ele já há 11 anos e falava sempre dele. No segundo dia foi para o divã. A saída se deu quando a analisante começou a faltar às sessões e falar em parar sua análise. Nesse momento o analista achou que a analisante não precisava mais da análise, que já sabia "lidar com seu sintoma". Foi desta forma que o analista interpretou. A análise durou cino anos. Foi a partir desta análise que a analisante resolveu fazer o curso de psicologia e estudar psicanálise.

Quarta análise. Vai porque muitas amigas vão e dizem estar gostando e

propõem que ela vá. Então, fica por um ano, apesar de não gostar desde o início, devido a sua linha de trabalho, mas por gostar muito dele sente ena de deixá-lo.

Quinta análise. Deixa a quarta análise e começa com um outro analista que já era conhecido há muito tempo, por sugestão de uma amiga, após a morte de sua irmã. Ele insiste dizendo que pode ajudá-la, mas como analista. Ela resiste porque gosta desse analista, mas não para uma análise. Esta análise permitiu que ela fizesse o luto dessa morte. Acaba ficando por mais de quatro anos. Novamente por gostar muito dele sente pena de deixá-lo, no entanto já procurou outros dois analistas, o sexto e um outro, sem saber qual escolha fazer.

Sexta análise. Já dura quase seis anos. O encontro com este analista se deu, em um primeiro momento, antes do pedido formal de análise. Quatro anos antes esse analista esteve por um ano na sua cidade dando seminários e seu nome era causa de "respeito e admiração", embora nunca tivesse participado desses seminários, ficava sempre desejando conhecer esse analista que vinha "de fora".

A relação com o significante da transferência

Este encontro foi marcado por vários antecedentes, apesar de já estar presente o significante da transferência. Num segundo momento, numa atividade da Escola. Depois, através de uma carta onde faz uma demanda de amor. Nesta carta já vai o significante da transferência. Depois, enfim, apresenta-se diante do analista e numa entrevista de entrada para a escola, em que lhe é pedido que fale de seu percurso na psicanálise e o porquê da escolha da Escola de Lacan, o sujeito fala de sua divisão subjetiva e enuncia o seu sintoma. O analista pôde escutar e permitir que pela primeira vez fizesse sua escolha, pois está dividida entre dois analistas sem saber qual escolha fazer, um de quem tem pena e outro que deseja. Ele lhe pergunta: "Você está dividida entre mim e quem?". Sendo sua resposta a seguinte: "Entre você e Z". E ele lhe diz: "Então, peça uma entrevista com Z e faça sua escolha". E pela primeira vez pôde fazer sua escolha pelo objeto de seu desejo.

O significante da transferência é o que vem "de fora". O pai era o Outro que vinha "de fora", a demanda de amor dirigida ao pai, origem deste significante. E o significante qualquer é um nome causa de "respeito e admiração". O desejo da mãe dessa analisante é que ela tivesse um nome causa de "respeito e admiração", como o de seu pai. A analisante passou sempre a colocar-se "de fora", inclusive o nome da cidade que escolhe para morar tem esse significante.

A entrada em análise se deu através de um sonho. Estava a analisante com o analista. A analisante apresenta ao analista três cartões, sendo que lhe entrega um a um com o mesmo pedido: que ele assine para comprovar que é aceita por ele. Depois de todos assinados, ela diz ao analista que irá levá-los para reconhecer a firma, a fim de ter a garantia de ter sido aceita por ele.

O analista sempre deixa a analisante por último, na sala de espera, e esta foge, vai embora. Até que um dia, ao voltar para a próxima sessão, o analista lhe diz no final: "Você vai pagar a outra sessão em que me olhou e fugiu de mim". A analisante

nunca mais fugiu, pois se deu conta de que era um mecanismo de que sempre utilizava em determinados momentos de sua vida, em vez de enfrentá-los, de assumi-los.

Certo dia ao ser deixada por último, mais de duas horas se haviam passado e o analista, tendo atendido todos, a deixa na sala de espera, não aparece mais. A analisante angustiada vai para o lado de fora, fica lá chorando. Depois de mais uma hora surge o analista à porta e diz: "Entre! Agora você já pode entrar". Esta intervenção surtiu um efeito de interpretação e houve uma mudança na posição subjetiva do sujeito, que a partir daí passou a se implicar, a ficar dentro e deixando de ficar fora. Passa a assumir atividades como seminários na sua cidade e a lutar pelo que deseja.

Uma vez teve um sonho. Ainda era uma criança e estava numa casa com a Bá que no sonho era sua avó. Havia uma outra casa quase próxima. A analisante pede e chora para ir à outra casa, pois queria ver aquelas pessoas da família de sua mãe. Bá resiste em atender ao pedido da criança, no entanto acaba cedendo. Quando entra naquela casa fica feliz porque todas as pessoas estão conversando alegremente. Todos eram felizes e bonitos. De repente, Bá lhe diz: "Não se aproxime, senão vai pegar preto!" De repente, todos naquela casa se transformam e ficam pretos e estranhos. A criança começa a ver as peles muito pretas. Então, ao relatar o sonho ao analista, em vez de falar "Preta" ela diz: "Lepra". E percebe que todos da família estavam com lepra preta. E o analista interrompe falando: "Lepra / Preto/ Preto / Lepra". A retificação subjetiva é operada pela interpretação deste sonho, onde o significante "lepra" metaforiza o significante "preta", até, então, produtor de sintomas; a partir da retificação, a analisante está mais implicada em sua análise e muda o vetor de suas escolhas de objeto.

Até o seu nome parecia muitas vezes ouvir "Rainha" em vez de "Raininha", como era chamada, com exceção de seu pai. Seria ela uma Rainha? A "Rainha do Conga"? E o nome era um enigma para a analisante. Seu pai havia escolhido seu nome. Nunca sabia o que falar com as pessoas quando perguntavam: "Como se pronuncia seu nome? Como é seu nome?" Até que o analista diz: "Como seu pai a chamava?" Foi aí que pôde assumir o próprio nome. Lacan utiliza o significante "Rainha", no *Seminário 17*, para falar justamente da posição da histérica em sua recusa do corpo ao significante mestre. Ele diz que ela reina, e ele não governa.

Momentos em que aparece a divisão

O primeiro momento se deu como foi relatado aqui, na primeira entrevista de entrada na Escola, quando a analisante ainda se encontrava em análise em sua cidade. Esse analista, por ocasião da morte da sua irmã que foi um tanto trágica, procurou-a e ofereceu-se para ser seu analista, dizendo que seria para ajudar. Por pena, ficou com ele por quatro anos e também por pena não tinha coragem de deixá-lo. Só depois de dois meses, já em análise com o atual analista, pôde contar-lhe o fato. Já tinha deixado a análise anterior, depois de muita angústia e dificuldade.

O segundo momento foi com a questão de estar entre dois estados, Minas/ Rio. Não conseguia decidir. Durou dois anos. Queria o Rio desde o início, por desejo e transferência de trabalho, mas tinha pena de rejeitar e abandonar o seu Estado:

Minas. Não sabia o que fazer. A situação remetia à sua divisão subjetiva, à sua forma particular de gozo, ao ponto real, ao furo no real. Foi uma angústia muito grande. Sempre procurando ficar numa situação onde pudesse ficar entre dois gozando, ou seja, gozando com o seu sintoma. Não conseguia fazer escolha e quando fazia era pelo objeto de que tinha pena e não pelo de seu desejo. Ao levar para sua análise essa questão, o analista corta a sessão dizendo: "Entre-dois". Ao ouvir "entre-dois" voltou a angústia. A analisante saiu tão desorientada e sentindo-se sem lugar que voltou, pedindo uma 4ª sessão. Foi aí, *a posteriori*, que pôde perceber a questão de "estar entre dois" sempre, gozando o tempo todo. A partir daí, resolveu: "Não quero mais ficar entre dois desta forma, gozando sem decidir, não quero mais ceder do meu desejo. Quero a partir de agora poder fazer a minha escolha para o objeto de meu desejo". Foi muito difícil, mas foi possível fazer a escolha pela via de seu desejo.

O terceiro momento foi com o pedido de autorização para coordenar um seminário em sua cidade. Novamente surge a questão: entre Minas e Rio. A Seção Rio autorizou mas enviou para a de Minas pedindo também autorização devido a analisante morar em Minas. Quatro meses se passaram e a resposta era sempre a mesma, remetendo-a à sua divisão: "Você é de Juiz de Fora, Minas, e está filiada ao Rio. Decidimos mandar para o presidente do conselho de Escola e ele não deu resposta". Ao tentar reivindicar junto à Seção Rio, recebeu de alguém a seguinte resposta: "Você tem de resolver este problema por aí. Aqui, no Rio, não dá para divulgar seu seminário pois você mora em Minas. 'Seu lugar é em Juiz de Fora'". O que pôde ser ouvido foi o seguinte: "Seu lugar é de fora". No início foi difícil, no entanto, já com o desejo decidido a analisante pôde resolver a questão de forma favorável, de acordo com sua escolha, pelas vias de seu desejo mais uma vez. Fez vários telefonemas e conseguiu solucionar a questão da divulgação do seu seminário que seria em Minas.

Depois, em um quarto momento, uma outra situação: as duas seções resolveram divulgar seu seminário, o entre-dois. Só que desta vez sua posição era outra, já com o conhecimento sobre o gozo do seu sintoma e sua forma particular de gozar, já conseguia lidar e decidir sem ficar naquele modo de gozar como antes. A sua análise teve uma torção, houve uma mudança na sua posição subjetiva.

Conclusão

Resumindo: o título da fixação – "Rainha do Conga". Tudo aconteceu por causa da Rainha do Conga. O primeiro momento da divisão. A causa da neurose está sempre na linguagem. A linguagem é sempre um equívoco, um mal-entendido. O impossível de dizer, o indizível foi sobre sua escolha quando naquele momento em que era de seu desejo ficar com um objeto, ela cedeu de seu desejo por pena. O enunciado que não fez, o indizível: a analisante não conseguiu fazer sua escolha diante do outro, do qual ela tinha pena. Diante do eixo imaginário: a – a'. Não foi o outro que lhe impediu, foi ela que não pôde enunciar o seu desejo. Esse desejo que é um significante sem significado. Todas as escolhas durante sua vida foram feitas por causa da "Rainha do Conga". Eram buscados traços referentes a esse significante de *alíngua*. Os outros

significantes eram referidos a este. A causa da neurose, portanto, foi ceder de seu desejo. Parece que o enunciado do seu sintoma poderia ser o seguinte: "Por causa da Rainha do Conga". Tudo que aconteceu foi por causa deste significante de *alíngua.* As escolhas dos seus objetos de amor, causa de desejo e sua forma particular de gozo foram causadas a partir da Rainha do Conga. *Alíngua* quem lhe ensinou foi sua avó paterna.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909 [1908]). *Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago, v. IX, 1980.

LACAN, Jacques. *O seminário*, livro 17 - O avesso da psicanálise (1969/70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

———. *O seminário*, livro 20 - Mais, ainda (1972/73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

———. *O seminário*, livro 23 - Sinthome (1975/76). Inédito.

———. *Conferência em Genebra* (1975). Inédito.